A Educação Popular em Saúde como referencial para as nossas práticas na saúde

"Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento e gente de fogo louco que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam: mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar e quem chegar perto pega fogo".
(GALEANO, 1991).

"Escuta, escuta
O outro, a outra já vem
Escuta, acolhe
Cuidar do outro faz bem".

(Ray Lima)

Galeano nos desafia a compreensão integral do ser humano e o respeito e valorização da singularidade de cada ser. Lidar com seres humanos segundo a perspectiva popular nos remete a pensar que toda ação tem uma dimensão educativa e pedagógica. Neste sentido, é importante a reflexão sobre os fundamentos que norteiam estas relações que se estabelecem no universo das nossas práticas cotidianas.

Para construir práticas de trabalho considerando a perspectiva popular, torna-se necessária a reflexão trazida por Paulo Freire de que "só há sujeitos em relação" e, neste sentido, que os atores e atrizes com quem trabalhamos necessitam se constituir protagonistas de ações de transformação às situações-limite da sua realidade, com vistas à emancipação, buscando a superação da consciência ingênua rumo ao inédito viável.

A educação popular, portanto, traz um referencial caracterizado pelo diálogo entre os sujeitos, pela educação vista como humanização, pela compreensão integral de ser humano como sujeito constituído por várias dimensões, bem como a busca de matrizes pedagógicas apropriadas à formação destes sujeitos.

Vanderléia Laodete Pulga

Educadora popular, atuante na área da saúde, gênero, movimentos sociais populares, educação popular. Professora de Saúde Coletiva na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Passo Fundo, filósofa, mestre em educação pela UPF e doutoranda em educação em saúde na UFRGS.

Nessa perspectiva busca promover a participação dos sujeitos sociais, incentivando a reflexão, o diálogo e a expressão da afetividade, potencializando sua criatividade e sua autonomia. Incorpora a perspectiva do protagonismo dos diversos sujeitos, a valorização das culturas locais nas suas organizações, suas expressões artísticas e as possibilidades de envolvimento de outros setores para o enfrentamento dos problemas cotidianos.

Assim, o agir educativo se constitui como ação que se alimenta no processo de construção de um fundamento teórico metodológico de sustentação, de projetos que promovam a participação ativa da sociedade e de ações capazes de produzir novos sentidos nas relações entre necessidades da população e organização da vida e da sociedade para uma vida com qualidade e dignidade.

Outro aspecto importante é do acolhimento que os movimentos sociais e populares realizam em sua ação cotidiana nos territórios onde atuam aos que necessitam de ajuda, com suas especificidades e singularidades.

Reconhecer a legitimidade destas ações pressupõe o incentivo permanente à participação popular na formulação e gestão das políticas públicas, na perspectiva de que a ação social pela satisfação das necessidades sociais implica num caminho que se traduz concretamente nas formas de gestão participativa e na atuação do controle social, constitui-se como outro relevante elemento de busca do trabalho de educação popular em seus diálogos com as políticas públicas.

Alguns princípios pedagógicos

» A construção da dignidade humana, do ser humano integral, histórico, livre, portador de direitos, de deveres e do potencial protagonista transformador da realidade e das relações que nela ocorrem;

» A educação como processo de produção e construção de conhecimento individual e coletivo, mediatizada pelo mundo;

» O desenvolvimento de atividades construtivas onde o sujeito possa desenvolver sua criatividade através de pesquisas, diálogos, indagações, investigações e estudos;

foto: Aicó Culturas

da Educação Popular em Saúde:

» O diálogo como base da relação entre sujeitos, onde cada um cresce no respeito, na valorização e na construção de valores solidários e éticos;

» A construção da autonomia dos sujeitos envolvidos no processo de formação que se desenvolve como ser atuante, ético, criativo, amável e protagonista de si e da sua ação na sociedade;

» A construção de reflexões críticas sobre a prática educativa, implicando no movimento dinâmico, dialético, entre a prática e a construção teórica;

» O combate a qualquer forma de discriminação e o fortalecimento da equidade, da integralidade da atenção e do cuidado à vida;

» Visão social de mundo a partir da solidariedade e da justiça, comprometidos com a construção de um projeto de sociedade democrático e participativo.

» Valorização das formas e expressões culturais, artísticas, de cuidados com a vida e de vivências libertadoras de espiritualidade;

» A compreensão da pesquisa como um processo social capaz de gerar mudanças coletivas, optando por metodologias participativas que busquem estruturar uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação;

» A importância da sistematização das experiências como forma de construção e reconstrução de conhecimento onde os sujeitos partem das próprias experiências, e estas são registradas, problematizadas, refletidas e, a partir delas, construídos novos saberes e aprendizados;

Pressupõe a busca, por parte dos atores que fazem as políticas públicas e dos educadores, da realização da formação humana que contemple a formação de sujeitos:

» com forte consciência de que são sujeitos de direitos;

» com capacidade de leitura critica da realidade, o que implica discernimento e tomada de posição;

» capazes de se organizar para a busca ou instituição de direitos;

» que respeitem o bem público, que tenham sentido de responsabilidade no exercício do poder e respeitem os regramentos, quando formulados e decididos em processos participativos;

» que desenvolvam a indignação frente ao desrespeito aos direitos humanos;

» que estejam com um pé firme na realidade, mas com os olhos na direção do futuro, do projeto para suas vidas e de país, que vão se dispondo a construir.

» Que reconheçam, respeitem e valorizem a diversidade humana.

Alguns fundamentos dos processos educativos

Diálogo:

É preciso recuperar a educação como diálogo, síntese do processo educativo e dimensão fundamental de reconhecimento de sujeitos, que são agentes de uma história, trajetória, cultura e valores.

Humanização:

É preciso reconhecer a dimensão pedagógica das relações humanas como parte constitutiva do trabalho em saúde. Educar é antes de tudo um processo de humanização. Humanizar é situar os processos e práticas educativas no cerne, nos anseios, e nas lutas dos setores populares. A educação problematiza a própria vida humana e busca a construção de sentidos para qualificá-la e fortalece-la em todas as suas dimensões.

Os setores populares procuram as políticas públicas e, em especial, a saúde por uma questão básica de sobrevivência. A minoria da sociedade supera a fronteira da vivência, pode prolongar a vida e usa o setor saúde para isso. Já nos setores populares, até para viver se tem que lutar, emancipar-se. "Na fronteira, a vida carrega os sentidos humanos da dignidade, da emancipação e da justiça".

Para Freire (2000) educar é tornar os sujeitos mais humanos e humanizar seria situar os processos e práticas educativas no âmago, nos anseios e nas lutas dos setores populares, incorporando os princípios da dignidade, da emancipação e da justiça. Se a busca pela humanização pertence ao processo, a desumanização faz parte dele. Educação é o processo de resgate da humanidade roubada por fatores como a fome e o desemprego, as condições desumanas e injustas que os setores populares enfrentam.

Sujeito total, ser humano integral:

Educar é trabalhar com a totalidade das dimensões do sujeito e não apenas com aspectos específicos como comportamento, habilitação para o trabalho, qualificação para o mercado, ou ainda conscientização política. O ser humano precisa ter autonomia e maturidade para tomar decisões, enquanto sujeitos conscientes e éticos, cuja expressão se dá pela vivência cotidiana de valores, atitudes, ações e posturas condizentes com a ética.

Para isto é preciso partir de uma pedagogia que reconheça os valores do povo, que o reconheça como sujeito de sua própria cultura, enquanto conjunto de sujeitos culturais, estéticos. Uma das heranças populares é a estética onde estes setores ritualizam tudo o que fazem e, por meio dessa ritualização, buscam a beleza.

Matrizes Pedagógicas

Para criar eixos geradores da construção do sujeito é preciso trabalhar a partir de matrizes pedagógicas, como o corpo. A educação e a saúde se encontram em algum lugar, este lugar é o corpo. Outras matrizes são bastante familiares, como a palavra, que é capaz de mudar valores, consciência e hábitos. Ou como o trabalho, cujas condições materiais devem ser humanizadoras. Há também as condições de convívio, de interação, onde, a partir do relacionamento e da troca de experiências, as pessoas se educam.

Como compreendemos a Educação Popular em Saúde

Compreendemos a educação popular como parte do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam uma cultura, difere de treinamento ou da simples transmissão de informações. Significa a construção de um senso crítico que colabore para que os sujeitos entendam, comprometam-se, tenham capacidade em elaborar propostas, reivindiquem e transformem (-se).

Não é um discurso acadêmico sobre um método, nem um produto acabado ou uma receita simples e mágica. É diferente de técnicas de grupo que são utilizadas para estimular a participação e a cooperação.

Não é um método fácil que populariza a complexidade, embora faça o esforço criativo de traduzir conceitos abstratos em linguagem cotidiana, metáforas e símbolos. É um processo coletivo de produção e socialização do conhecimento que capacita os sujeitos a ler criticamente a realidade sócio-econômico-político-cultural com a finalidade de transformá-la.

A educação popular fala de um caminho político-pedagógico que requer o envolvimento e a co-responsabilização de todos participantes, na construção, apropriação e multiplicação do conhecimento.

Estes foram aspectos fundamentais para a educação popular em saúde destacados pelo educador Miguel Gonzalez Arroyo durante conferência no II Seminário sobre Educação Social e Saúde no Contexto da Promoção da Saúde, realizado em agosto de 2001 na Universidade de Brasília. A conferência de Arroyo, denominada 'A prática educativa como processo de construção dos sujeitos', foi sintetizada em edição da revista 'Tema', publicada pelo Programa Radis (Reunião, Análise e Difusão de Informação sobre Saúde) da Escola Nacional de Saúde da Fiocruz em dezembro de 2001.

Segundo Linhares (2004) a educação popular tem a ver com a cultura e a vinculação às fontes da vida e da morte das comunidades: criação de laços solidários e comprometidos com a libertação; elo que articula saberes diferenciados; sensibiliza os diferentes atores envolvidos e exprime as representações que o ser humano constrói a partir da sua leitura do mundo na perspectiva de conhecer e intervir sobre a realidade.

Para Vasconcelos, a educação popular oferece um instrumental para o desenvolvimento de novas relações, "através da ênfase ao diálogo, a valorização do saber popular e a busca de inserção na dinâmica local" tendo a identidade cultural como base do processo educativo, e compreendendo que o respeito ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural.

As experiências de arte, humanização e a educação popular nos fazem pensar nos modos de acalentar, sentir a dor, o parto, o gozo, a traição, o choro, o crescimento dos filhos, a seca, a invernada, a partida para o longe de outras terras, o acarinhado de quem se aguneia por um agrado, o modo de despejar na natureza seus sentimentos de homem ou de mulher, a fome, esse singular que é o modo próprio de ser do povo (LINHARES, 2003).

Neste sentido, as linguagens da arte nos permitem tocar dimensões mais totalizadoras do sujeito e, em geral esquecidas; nos processos de conhecer - como a do corpo, da estética, da ética, da religiosidade, da

afetividade - em um construto que vincula desejo e cognição, intuição e sensibilidade. A arte de reconstituir movimentos de superação das marcas produzidas pela violência, por exemplo. De tornar mais belos e acolhedores os espaços de trabalho, mesmo quando a infraestrutura é precária e os recursos didáticos e audiovisuais são poucos. Da escuta sensível, do toque carinhoso, do olhar que acolhe, da palavra que apoia, mas que também explicita e aclara os conflitos.

Partindo da busca da memória das lutas populares, percursos de experiências de educação popular tem sido possibilidade coletiva de intervenção e produção da vida coletiva; conexão entre cotidiano e história, vinculando a experiência local sentida no singular dos grupos com a inserção na história, vivida no exercício sócio - político em rede. A reflexão, partilha e leitura coletiva das possibilidades sendo feita também mediante o exercício das linguagens diversas, espaços comunicativos dos movimentos, através dos quais é possível estimular o protagonismo popular a partir do reconhecimento da história de vida das pessoas em seus anseios, necessidades e potencialidades.

Linguagens que emergem na capilaridade das experiências locais que, em uma vivência de protagonismo ousada, imprimem sua feição particular, buscando, aos pouco, incluir-se nos espaços das políticas e instituições formadoras e ensaiar uma ação que interfira nessas políticas, mas que, ao mesmo tempo, possa alimentar-se continuamente de suas práticas concretas.

Freire (1995) quando afirma que, enquanto as pessoas não se dão conta de que estão, coletivamente, produzindo temas geradores, que envolvem situações-limite, os atos não podem acontecer de modo crítico e com intencionalidade social e política clara.

Os temas geradores são entendidos como o universo temático explicativo e de enfrentamento das questões relacionadas a vida nas comunidades. Estes temas geradores remetem às situações concretas vividas permeadas pela contradição entre reprodução e transformação (situações-limites), em relação às quais buscam-se alternativas concretas (atos-limites) – e isto ocorre o tempo todo no cotidiano da atividade humana.

A educação popular tem o compromisso com os oprimidos e seu ponto de partida é a convicção de que o povo já tem um saber, parcial e fragmentado e que carrega em si o dom de ser capaz. Mas precisa refletir sobre o que sabe (não sabe que sabe) e incorporar o acúmulo teórico da prática social. Torna-se um instrumento que desperta, qualifica e reforça o potencial de organização popular em uma perspectiva solidária. Um compromisso de amorosidade para com o ser humano.

Sua tarefa específica é relacionar o fazer (saber empírico) das pessoas com uma reflexão teórica (saber científico) e integrar a dimensão imediata (micro) com a dimensão estratégica (macro). É um processo educativo permanente que tenta concretizar suas convicções, princípios e valores, respondendo adequadamente em cada conjuntura.

Metodologias participativas

Muitas vezes, as pessoas falam em metodologia pensando nas dicas de como fazer as coisas, nos procedimentos e técnicas de grupo ou ainda na sequência de como deve seguir uma atividade.

Eduardo Stotz (1993) pontua sobre a existência de diferentes enfoques utilizados nas práticas educativas em saúde, tendo como referência a proposta de Tones (1987): enfoque educativo, preventivo, radical e de desenvolvimento pessoal. Segundo o autor, todos eles têm em comum a crítica ao chamado modelo médico. O enfoque preventivo, ainda hoje o mais utilizado na prática educativa que se realiza nos serviços de saúde, está centrado na mudança de comportamento individual, no sentido de afastar fatores de risco, tem a persuasão como princípio orientador e o educador como sujeito da ação. O enfoque educativo também está centrado na figura do educador como sujeito da ação educativa e tem como objetivo a compreensão da situação por parte do usuário, partindo do princípio que, a partir da eleição informada dos riscos à saúde, é possível promover o acesso igualitário às informações. O enfoque do desenvolvimento pessoal teria como objetivo o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos levando-os a desenvolver destrezas, que aumentariam sua capacidade de controle sobre a vida. Ainda neste enfoque, o educador é o sujeito do processo. Enquanto os enfoques anteriores apresentam como ponto de partida a intervenção no plano individual o enfoque radical tem como premissa a concepção das condições materiais e a estrutura social como causas básicas dos problemas de saúde, direcionando o processo educativo para a transformação das condições geradoras de doenças. Este enfoque trabalha com a perspectiva de que educadores e cidadãos possam ser sujeitos do processo e intervir politicamente na luta pela saúde, bem como articula o processo educativo à busca de autonomia e poder, voltando-se para a possibilidade de potencializar a "construção de processos de participação popular como uma prática social de organização da vida cotidiana" (SOPHIA, 2001).

A metodologia participativa é aquela que permite a atuação efetiva dos participantes no processo educativo, valorizando os conhecimentos e experiências dos participantes, envolvendo-os na discussão, identificação e busca de soluções para problemas que emergem de suas vidas. É uma forma de trabalho pedagógico baseado no prazer, na vivência e na participação ativa em situações reais ou imaginárias provoca a reflexão faz os participantes construírem sentidos às situações concretas da vida.

Existem diversas formas de garantir processos participativos como o sociodrama, psicodrama, teatro do oprimido, teatro-fórum, círculos de cultura, a oficina e outras técnicas de grupo, Que são oriundas de saberes multidisciplinares.

Existem muitas formas de realizar praticas pedagógicas que visam à domesticação

das pessoas para que elas se prestem a obedecer e a reproduzir um padrão de comportamento que serve a uma ordem e aos interesses de uma classe dominante. Outras ainda se utilizam do discurso da metodologia popular, mas constroem uma prática autoritária na qual as pessoas são dominadas pela manipulação, pela sensação de que são parte onde os educadores tomando a iniciativa pelos educandos, perpetuam neles a dependência e o sentimento de inferioridade.

Reportamo-nos aqui a um olhar sobre o caminho metodológico que se ancora nos princípios da educação popular a que nos temos referido neste texto. Um caminho onde o trabalho que realizamos se faz *com* os atores e atrizes com os quais trabalhamos. Onde o modo de fazer já é, de certa forma, o que se quer fazer e o para que se faz. Esse jeito de fazer visa despertar o senso crítico e promover o diálogo entre as partes para juntá-las num processo de construção coletiva, numa perspectiva solidária.

Dessa forma é possível ao mesmo tempo, fortalecer aspectos da identidade e autoestima dos sujeitos, mobilizá-los para a ação transformadora desenvolvendo o compromisso com processos legítimos de luta pela vida para a emancipação das pessoas e sua afirmação como sujeitos sociais.

Nessa perspectiva o processo por si capacita e qualifica política e tecnicamente, os sujeitos através da experimentação e apropriação do conteúdo e do modo de fazer; fortalece ações coletivas no enfrentamento dos seus problemas e na construção de soluções que expressem o poder da população e incentiva a construção de espaços de participação popular, gestão democrática e participativa, afirmação da cidadania ativa, ampliação dos direitos e processos de controle social e de democratização do Estado apontando para a emancipação e a construção de um projeto popular de transformação social.

Referendamos aqui um olhar sobre metodologia, como percurso, que não se reduz ao modo de fazer, mas compreendendo que este modo está sempre ligado a uma visão de mundo e a um objetivo histórico concreto sendo, portanto, também marcada por um projeto de pessoa e de sociedade. A pedagogia também é marcada por um projeto de pessoa e de sociedade, pode-se dizer, de forma esquemática, que existem três concepções básicas de metodologia:

Autoritária - Visa a domesticação das pessoas para que elas se prestem a obedecer e a reproduzir um padrão de comportamento que serve a uma ordem e aos interesses de uma classe dominante.

Populista - Utiliza o discurso popular, mas sua prática visa manter as pessoas dominadas pela manipulação, com a sensação de que são parte. Perpetua as relações de dependência e sentimento de inferioridade.

Dialética-dialogal-libertadora: Afirma que o modo de fazer já é, de certa forma, o que se quer fazer e o para que se faz. Visa despertar o senso crítico e promover o diálogo entre as partes para juntá-las num processo de construção coletiva, com perspectiva solidária.

Partindo da convicção de que quem faz sabe, mas que quem pensa sobre o que faz, faz melhor e que quem faz, faz também o sentido do que faz, a metodologia popular significa, ao mesmo tempo um caminho:

» em que os sujeitos tomem uma postura respeitosa e sugerem formas de participação e de colaboração.
» cujo ponto de partida é a convicção de que todos são capazes, que os oprimidas têm interesse em superar a atrofia física, mental e cultural a que foram submetidas e que a emancipação começa por quem se dispõe a um processo de transformação individual e social.
» de valorização dos sujeitos, sua necessidade de unir esforços, de organizar-se para a conquista de direitos e para a tarefa de assumir-se como sujeito do seu destino coletivo.

O processo educativo se realiza no trabalho que se faz a partir das necessidades sentidas e num compromisso permanente dos envolvidos. Acreditar que as respostas espontâneas do povo sejam transformadoras pode apenas significar uma posição tão autoritária quanto à própria imposição. Aliado ao reconhecimento e o respeito às iniciativas populares, será necessário problematizar e potencializar essas ações e estimular a construção de alternativas mais próximas da integralidade. Quando inspirados em processos da educação popular, aplicada a um processo político-pedagógico, podemos perceber alguns sinais:

Alguns sinais

» Anima e apaixona seus participantes porque resgata neles o elemento da identidade e da dignidade (autoestima).
» Mobiliza porque rompe com a situação de dormência e a sensação de impotência, geradas pela dominação e expressas no individualismo consumismo e fatalismo.
» Compromete as pessoas, numa dimensão integral da vida, em processos legítimos de luta pela vida para a emancipação das pessoas e na sua afirmação como sujeitos sociais.
» Capacita e qualifica política e tecnicamente, os sujeitos através da experimentação e apropriação do conteúdo e do método.
» Produz a multiplicação criativa, com base numa parte que tem como meta a envolver o conjunto da sociedade e a realidade mais geral.
» Produz fermentação social e mobilização política ao fortalecer ações coletivas no enfrentamento dos seus problemas e na construção de soluções que expressem o poder da população.
» Incentiva a construção de espaços de participação popular, gestão democrática e participativa, afirmação da cidadania ativa, ampliação dos direitos e processos de controle social e de democratização do Estado.
» Incentiva e contribui para a construção de processos legítimos de luta pela emancipação e pela vida.

Com base na intencionalidade de fortalecer a participação popular, o controle social e a gestão participativa na saúde, é fundamental observar os seguintes procedimentos metodológicos nos processos educativos:

- Aproximação e conhecimento da realidade social em que se vai desenvolver o trabalho, na perspectiva da educação popular, com a metodologia da observação participante, numa atitude de abertura e de escuta para a construção de diagnósticos das realidades locais, fomentando a solidariedade e o espírito de compromisso dos grupos em contato.
- Mobilização social que junte os esforços de articulação e formação (encontros, seminários, oficinas, reuniões formativas, grupos de estudos, círculos interativos, intercâmbios de experiências, mutirões de formação popular e caravanas) em torno de programas concretos, ligado à defesa da vida e da saúde.
- Desenvolvimento de processos educativos que articulem a teoria com as práticas sociais, entidades e agentes envolvidos com diferentes modalidades formativas, instrumentos didático-pedagógicos e comunicação de massa, cultura popular de resistência e reinvenção das relações econômicas, sociais, culturais, ambientais etc.
- Construção coletiva do conhecimento fundamentada no processo dialético prática-teoria-prática, associando o conhecimento da realidade com sistematização das experiências e conhecimentos dos processos de articulação, formação e mobilização, concretizando o "aprender com a prática".
- Articulação das forças sociais com a estruturação de redes de educadores populares, educares em saúde, entidades e movimentos sensíveis à necessidade de uma ampla mobilização social em defesa do direito à saúde, retomando os fundamentos da Reforma Sanitária.
- Planejamento das diferentes ações que potencializem a dimensão educativa da ação, fazendo da articulação e da formação um fator efetivo da mobilização social.

Orientações pedagógicas

Existem diversas formas de garantir processos participativos como o sociodrama, psicodrama, teatro do oprimido, teatro-fórum, círculos de cultura, oficinas e outras técnicas de grupo, que são oriundas de saberes multidisciplinares.

Independente da linguagem escolhida podemos apresentar algumas posturas ou orientações que consideramos imprescindíveis para que se possa concretizar um prática problematizadora, reflexiva, dialógica e produtora de autonomia.

Inicialmente referendamos a necessidade de conhecer a realidade social em que se vai desenvolver o trabalho. A observação participante, a atitude de abertura e de escuta são pontos de partida fundamentais para a construção de vínculos entre trabalhadores e comunidade.

Ao mesmo tempo, a mobilização dos atores institucionais e comunitários presentes no território pode contribuir sobremaneira para o trabalho na articulação e

transformação da realidade de saúde. Esta pode acontecer também de formas diversas a depender dos contextos já anteriormente abordados, tais como, encontros, seminários, oficinas, reuniões, grupos de estudos, círculos interativos, intercâmbios de experiências, mutirões de formação popular e caravanas em torno de programas concretos, ligados à defesa da vida e da saúde (DARON, 2008).

Desenvolvimento de processos educativos que ampliem o olhar dos diversos atores sobre a realidade e articulem a teoria com as práticas sociais. Nesse sentido podem ser organizados cursos, oficinas e outras modalidades de formação, das quais, podem resultar a produção de instrumentos pedagógicos e comunicacionais com base nos elementos da cultura local e nas potencialidades do território. Desse processo também pode resultar a sistematização das experiências locais e a construção coletiva do conhecimento, fundamentada na ação--reflexão-ação, concretizando o "aprender com a prática" e referenciando a experiência como categoria chave na produção do conhecimento.

Com base na intencionalidade de fortalecer a participação popular, o controle social e a gestão participativa na saúde, é fundamental observar os seguintes procedimentos metodológicos nos processos educativos:

Aproximação e conhecimento da realidade social em que se vai desenvolver o trabalho, na perspectiva da educação popular, com a metodologia da observação participante, numa atitude de abertura e de escuta para a construção de diagnósticos das realidades locais, fomentando a solidariedade e o espírito de compromisso dos grupos em contato.

Mobilização social que junte os esforços de articulação e formação (encontros, seminários, oficinas, reuniões formativas, grupos de estudos, círculos interativos, intercâmbios de experiências, mutirões de formação popular e caravanas) em torno de programas concretos, ligado à defesa da vida e da saúde.

Desenvolvimento de processos educativos que articulem a teoria com as práticas sociais, entidades e agentes envolvidos com diferentes modalidades formativas, instrumentos didático-pedagógicos e comunicação de massa, cultura popular de resistência e reinvenção das relações econômicas, sociais, culturais, ambientais etc.

Construção coletiva do conhecimento fundamentada no processo dialético prática-teoria-prática, associando o conhecimento da realidade com sistematização das experiências e conhecimentos dos processos de articulação, formação e mobilização, concretizando o "aprender com a prática".

Articulação das forças sociais com a estruturação de redes de educadores populares, educares em saúde, entidades e movimentos sensíveis à necessidade de uma ampla mobilização social em defesa do direito à saúde, retomando os fundamentos da Reforma Sanitária.

Planejamento das diferentes ações que potencializem a dimensão educativa da ação, fazendo da articulação e da formação um fator efetivo da mobilização social.

a) técnicas vivenciais

Privilegiam a dimensão vivencial e têm como objetivo unir, criar um ambiente fraterno e participativo, promovendo a alegria, o humor, a integração e a descontração dos participantes, além de análises que buscam oferecer elementos simbólicos para a reflexão sobre uma determinada questão.

Nestas, alguns aspectos são fundamentais: a flexibilidade no tempo, o processo de reflexão sobre a vivência e os sentidos produzidos. Estas técnicas se adéquam, especialmente, nos processos de aproximação entre trabalhadores e comunidades, no início de atividades, tais como oficinas, cursos entre outros, sempre na perspectiva de fomentar a integração e a produção de vínculos entre estes atores.

Podem ser utilizadas no início de atividades formativas para permitir a integração dos participantes ou depois de momentos intensos de trabalho para possibilitar o descanso e a descontração. As mais utilizadas são:

Para quebrar o gelo

⇨ Ajuda a tirar as tensões do grupo, desinibindo as pessoas para o encontro.
⇨ Pode ser uma brincadeira onde as pessoas se movimentam e se descontraem.
⇨ Resgata e trabalha as experiências de criança.
⇨ São recursos que quebram a seriedade do grupo e aproximam as pessoas.

Técnicas de apresentação

⇨ Ajuda a apresentar os participantes uns aos outros. Possibilita descobrir: quem sou, de onde venho, o que faço, como e onde vivo, o que gosto, sonho, sinto e penso... Sem máscaras e subterfúgios, mas com autenticidade e sem violentar a vontade das pessoas.
⇨ Exige diálogo verdadeiro, a partilho do que posso e quero ao novo grupo.
⇨ São as primeiras informações da minha pessoa.
⇨ Precisa ser desenvolvida num clima de confiança e descontração.
⇨ O momento para a apresentação, motivação e integração. É aconselhável que sejam utilizadas dinâmicas rápidas, de curta duração.

Para integração:

⇨ Permite analisar o comportamento pessoal e grupal. A partir de exercícios bem específicos, que possibilitam partilhar aspectos mais profundos das relações interpessoais do grupo.
⇨ Trabalha a interação, comunicação, encontros e desencontros do grupo.
⇨ Ajuda a sermos vistos pelos outros na interação grupal e como nos vemos a nós mesmos. O diálogo profundo no lugar da indiferença, discriminação, desprezo, vividos pelos participantes em suas relações.
⇨ Os exercícios interpelam as pessoas a pensar suas atitudes e seu ser em relação ao outro ou o grupo.

Para animação e relaxamento:

⇨ Tem como objetivo eliminar as tensões, soltar o corpo, voltar-se para si e dar-se conta da situação em que se encontra, focalizando cansaço, ansiedade, fadigas etc. Elaborando tudo isso para um encontro mais ativo e produtivo.
⇨ Estas técnicas facilitam um encontro entre pessoas que se conhecem pouco e quando o clima grupal é muito frio e impessoal.
⇨ Devem ser usadas quando necessitam romper o ambiente frio e impessoal ou quando se está cansado e necessita retomar uma atividade. Não para preencher algum vazio no encontro ou tempo que sobra.

Para atividades de formação:

⇨ Deve ser usada para trabalhar com pessoas que já possuem alguma prática de animação grupal.
⇨ Possibilita a revisão, a comunicação e a percepção do que fazem os destinatários, a realidade que os rodeia.
⇨ Amplia a capacidade de escutar e observar.
⇨ Facilita e clareia as atitudes dos educador (a)es para que orientem melhor seu trabalho grupal, de forma mais clara e livre com os grupos.
⇨ Quando é proposto o tema/conteúdo principal da atividade, devem ser utilizadas dinâmicas que facilitem a reflexão e o aprofundamento; são, geralmente, mais demoradas.

b) Técnicas com atuação

Estas técnicas tem a expressão corporal como aspecto central, e nestas se poderá representar situações, comportamentos e formas de pensar. Para que ocorra o efeito desejado é importante observar alguns aspectos: ordenação e coerência na apresentação; limite de tempo para que os elementos centrais sejam sintetizados, clareza na expressão corporal e facial, movimento, gestualidade, dicção e presença cênica, ressaltando ainda a importância da criatividade e da espontaneidade.

Para que tenham o efeito desejado é preciso observar:

⇨ Apresentação ordenada e coerente;
⇨ Dar tempo limitado para que os elementos centrais sejam resumidos;
⇨ Que seja utilizado a expressão corporal, o movimento, os gestos e a expressão facial;
⇨ Que a fala seja com voz forte;
⇨ Que não tenha atuação e fala de dois participantes ao mesmo tempo.

c) Técnicas Audiovisuais

Outras técnicas utilizadas nas práticas educativas são as audiovisuais, como exposição de filmes, vídeos e exposições dialogadas. A característica principal dessas técnicas é a utilização de som ou de sua combinação com imagens. Nestas é necessário uma elaboração prévia, fruto da reflexão ou análise do grupo, trazendo um ponto de vista particular para o debate coletivo, para que se constituam como práticas participativas.

Pode-se trabalhar ainda com a produção de materiais visuais escritos ou gráficos tais como: produção de painéis, mandalas, fanzines, jornais, revistas entre outros. A escrita e as imagens se constituem como elemento central.

Podem ser elaboradas pelo grupo no processo de formação e colaboram com a concentração e concretização das ideias e reflexões do grupo.

Orientações a serem seguidas:

Para a utilização de uma técnica auditiva ou audiovisual é preciso um trabalho de elaboração prévia, que geralmente é fruto da reflexão ou análise que o grupo realizou. Trazem sempre elementos de informação adicional para que o grupo enriqueça sua discussão e análise sobre algum tema. Trazem um ponto de vista particular para o debate coletivo. É um material que traz elementos novos ou interpretações que permitam um aprofundamento do tema tratado.

Ao utilizar este tipo de técnica é necessário que a pessoa que a irá utilizar tenha conhecimento

d) Técnicas Visuais:

As Técnicas escritas são aquelas em que se utiliza a escrita como elemento central. Podem ser: papelógrafo, leitura de textos...

Podem ser elaboradas por um grupo no processo de formação, se caracterizam por ser o resultado direto daquilo que o grupo sabe, conhece ou pensa sobre determinado tema e é produto do trabalho coletivo no mesmo momento de sua aplicação.

Na utilização deste tipo de dinâmicas é fundamental que a letra seja legível por todos e que a redação seja concreta deixando claro e resumido ideias centrais de um debate coletivo. Este tipo de técnica ajuda a concentrar e concretizar as ideias e reflexões do grupo.

Os materiais elaborados com antecedência como a leitura de textos, que são resultado de uma reflexão ou interpretação de pessoas externas ao grupo ou de elaboração individual deve trazer elementos novos para o aprofundamento do grupo. É importante ver se a redação, o conteúdo e a linguagem correspondem ao nível dos participantes. A utilização sempre será acompanhada de passos metodológicos que permitam a participação e o debate coletivo sobre o conteúdo.

As Técnicas gráficas são aquelas em que o conteúdo se expressa através de desenhos e símbolos para interpretação. Sempre que usamos este tipo de técnica é recomendável

prévio do conteúdo a ser desenvolvido, para que a técnica sirva como ferramenta de reflexão. Por isto, é importante fazer uma discussão prévia para analisar o conteúdo a ser trabalhado ou da mensagem apresentada na técnica auditiva ou audiovisual. Para isto, é fundamental preparar algumas perguntas que permitam relacionar o conteúdo com a realidade do grupo.

começar descrevendo elementos que estão presentes no gráfico. Logo que os participantes que não elaboraram o trabalho fazem uma interpretação e que finalmente sejam as pessoas que o elaboraram as que vão expor quais foram as ideias que quiseram expressar. Isto possibilita a participação de todos na medida em que exige um esforço de interpretação por parte de uns e de comunicação por parte de outros.

Técnicas aprofundadas na Edução Popular

a) círculos de cultura

Sistematizados por Paulo Freire (1991) os Círculos de Cultura estão fundamentados em uma proposta pedagógica democrática e libertadora e propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto. Para Freire, essa concepção promove a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade. Nesse contexto, propõe uma práxis pedagógica que se compromete com a emancipação de homens e mulheres ressaltando a importância do aspecto metodológico, no fazer pedagógico, sem desvalorizar, no entanto, o conteúdo específico que mediatiza esta ação. Destarte, caracteriza-se como *locus* privilegiado de comunicação-discussão embasadas no diálogo, nas experiências dos atores-sujeito, na produção teórica da educação e na escuta, a qual se orienta pelo desejo de cada um e cada uma aprenderem as falas do outro e da outra problematizando-a e problematizando-se. Tem como princípios metodológicos o respeito pelo educando, a conquista da autonomia e a dialogicidade e podem ser didaticamente estruturados em momentos tais como: a *investigação do universo vocabular*[1], do qual são extraídas *palavras geradoras*[2]. Esse mergulho permite ao educador interagir no processo, ajudando-o a definir seu ponto de partida que se traduzirá no *tema gerador geral*, vinculado a ideia de interdisciplinaridade e subjacente à noção holística de promover a integração do conhecimento e a transformação

[1] Relação das palavras de uso corrente, entendida como representativa dos modos de vida dos grupos ou do território onde se trabalhará (estudo da realidade). Este momento permite o contato mais aproximado com a linguagem, as singularidades nas formas de falar do povo, e suas experiências de vida no local.

[2] Unidade básica de orientação dos debates.

social. A *Tematização*[3], ou seja, processo no qual os temas e palavras geradoras são codificados e decodificados buscando a consciência do vivido, o seu significado social, possibilitando a ampliação do conhecimento e a compreensão dos educandos sobre a própria realidade, na perspectiva de intervir criticamente sobre ela. O importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida.

A *Problematização* representa um momento decisivo da proposta e busca superar a visão ingênua por uma perspectiva crítica, capaz de transformar o contexto vivido. A ação de problematizar em Paulo Freire (ano) impõe ênfase no *sujeito práxico* que discute os problemas surgidos da observação da realidade com todas as suas contradições, buscando explicações que o ajudem a transformá-la. O sujeito, por sua vez, também se transforma na ação de problematizar e passa a detectar novos problemas na sua realidade e assim sucessivamente. Nesse sentido, a problematização emerge como momento pedagógico, como práxis social, como manifestação de um mundo refletido com o conjunto dos atores, possibilitando a formulação de conhecimentos com base na vivência de experiências significativas.

[3] A codificação pode se dar por imagens expressas de várias formas – desenho, fotografia, imagem viva, – que por sua vez deverão suscitar novos debates. Parte-se da compreensão de que cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica, dispõe em si próprio, ainda que de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte.

A ampliação do olhar sobre a realidade com amparo na ação-reflexão-ação e o desenvolvimento de uma consciência crítica que surge da problematização permite que homens e mulheres se percebam sujeitos históricos, o que implica a esperança de que nesse encontro pedagógico sejam vislumbradas formas de pensar um mundo melhor para todos. Esse processo supõe a paciência histórica de amadurecer com o grupo, de modo que a reflexão e a ação sejam realmente sínteses elaboradas com ele.

Nesse contexto o Círculo de Cultura constitui-se *locus* da vivência democrática, de formas de pensamentos, experiências, linguagens e de vida, que possibilita o estabelecimento de condições efetivas para a democracia de expressões, de pensamentos e de lógicas com base no respeito às diferenças e no incentivo à participação em uma dinâmica que lança o sujeito ao debate, focando os problemas comuns.

b) Técnica de Oficinas

A oficina se constitui num espaço privilegiado de criação e descobertas, onde, processo e produto compõem uma unidade dialética, cujos objetivos e passos são pactuados com os participantes, portanto, é pluridimensional, criativo, coletivo, planejado e coordenado coletivamente. Nesse sentido, todos são essenciais e cada um é corresponsável na produção do que se quer obter, tendo como referência as potencialidades do próprio grupo, a partir da prática de cada um em seu cotidiano. Por isso o compromisso e a responsabilidade dos participantes do

grupo são essenciais: cada um assume uma posição importante na produção do que se quer obter.

Oficina é um lugar de consertos, reparos, criatividade, descobertas, lugar de vida, trabalho, transformação, processo de construção. A oficina se constitui num espaço privilegiado de criação e descobertas.

Numa oficina, processo e produto compõem uma unidade dialética, que não pretendem alcançar um objetivo "a qualquer custo"; preocupa-se, pelo contrário, com a adequação e a sequencia dos passos a serem dados para que se chegue àquele mesmo objetivo.

A aprendizagem trabalha as diversas dimensões do ser humano como o sentir, o pensar, o agir, a intuição, a cognição, o gesto e a palavra encontram de forma complementar produzindo uma nova síntese.

Prioriza o aprendizado usando o corpo todo e não só a razão. É por isso que, numa oficina, são trabalhadas distintas dimensões do ser humano: o sentir, o pensar, o agir, intuição e razão, gesto e palavra intervêm e encontram uma nova síntese. Trabalhar com oficinas, portanto, implica em desenvolver a criatividade. Por isso é comum, numa oficina, a introdução de expressões culturais e artísticas, como: a dança, a poesia, a pintura, a modelagem, brincadeiras. O produto que daí nasce terá essa mesma marca criativa e pluridimensional, será sempre algo concreto, visível: um desenho, uma expressão musical ou plástica, uma colagem, uma expressão corporal, um cartaz, um texto, no qual os diversos sujeitos do grupo poderão perceber a contribuição de cada um (DARON, 2008).

Para isso torna-se necessário um trabalho prévio de sistematização. As pessoas do grupo irão identificar no produto construído aspectos da contribuição de cada um.

Para o planejamento de uma oficina é necessário que o facilitador (a) planeje e busque, anteriormente, fontes que contribuam para uma apropriação do saber historicamente acumulado e a problematização da temática em questão, assumindo sempre a postura de coparticipante.

O facilitador (a), além de planejar e buscar as fontes anteriormente assume, durante a oficina, a postura de coparticipante, que acredita na originalidade da contribuição de cada participante e que, por isso mesmo, não pode prever qual será o resultado final do processo que é chamado a facilitar.

Caso sejam várias pessoas a facilitar ou assessorar a oficina, será necessário que haja sintonia entre elas. Como cada experiência tem sua particularidade, requer ingredientes adequados e combinados de forma a corresponder a cada especificidade local e conjuntural, a cada público e objetivo. O prazer de fazer oficina se fundamenta exatamente no desejo de experimentar e aprender algo singular.

Sua utilização deve responder a objetivos específicos de uma determinada estratégia educativa, no sentido de estimular a produção do conhecimento e a recriação deste conhecimento tanto no grupo/coletivo quanto no indivíduo/singular, uma vez que a técnica da dinâmica não é um fim, mas um meio - é uma ferramenta a ser usada.

QUANTO TEMPO EU TENHO

Objetivo: Provocar desinibição e conhecimento do outro.
Material: Som com música alegre, caixa de fósforos, um cartaz ou fichas - nomes, de onde é, de que mais gosta, uma alegria, uma tristeza etc. (Podem-se criar outras conforme o objetivo proposto).

1. Todos, em círculo, o educador (a) distribui um palito de fósforo, não usado. As fichas devem estar em lugar visível.
2. Pedir a um participante que risque o fósforo. Enquanto o fósforo estiver aceso, vai se apresentando, falando de si.
3. Cuidar para que ele fale só o tempo em que o fósforo estiver aceso. Caso alguém não consiga, o educador (a) poderá usá-lo para que os outros façam perguntas (pessoais) como numa entrevista.
4. Outra variante é fazer com que os participantes conversem em dupla e depois utilizem o fósforo para falar o que conhece do companheiro.
5. Usar a dinâmica para perguntar: que significa amizade ou ainda, para revisar qualquer disciplina.

Discussão: Conseguimos expressar os pontos mais importantes na nossa apresentação? Como me senti? É fácil falar de nós mesmos? O que significa um fósforo aceso? (marcando tempo) O que significa o fogo? (iluminando).
Resultado esperado: Ter feito uma reflexão sobre o tempo que estamos na terra e o que podemos ser para os outros. A maneira como eu utilizo o fósforo é a nossa própria vida. Analisar todas as situações que aparecem durante a ação.

Ronildo Rocha, Catolé do Rocha, PB.
ronildorocha@yahoo.com.br

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO ROSTO

Objetivos: Fazer com que os membros do grupo sintam-se à vontade uns com os outros.
Aplicação:
a) Orientar os participantes para sentarem em círculo;
b) O assessor distribui para cada participante uma folha de papel sulfite e um giz de cera;
c) Em seguida orienta para desenhar o seguinte: - uma sobrancelha somente; - passar a folha de papel para as pessoas da direita e pegar a folha da esquerda; - passar novamente; - desenhar um olho; - passar novamente; - desenhar o outro olho; - passar a direita e... completar todo o rosto com cada pessoa colocando uma parte (boca, nariz, queixo, orelhas, cabelos).
d) Quando terminar o rosto pedir à pessoa para contemplar o desenho;
e) Orientar para dar personalidade ao desenho final colocando nele seus traços pessoais;
f) Pedir ao grupo para dizer que sentimentos vieram em mente.

Fonte: TOGNETTA, Luciene R. P. A **construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola**. Campinas: Mercado das letras, 2009.

DOIS CIRCULOS

Objetivo: motivar um conhecimento inicial, para que as pessoas aprendam ao menos o nome umas das outras antes de se iniciar uma atividade em comum.

Para quantas pessoas: é importante que seja um número par de pessoas. Se não for o caso, o educador (a) da dinâmica pode requisitar um "auxiliar".

Material necessário: uma música animada, tocada ao violão ou com gravador.

Descrição da dinâmica: formam-se dois círculos, um dentro do outro, ambos com o mesmo número de pessoas. Quando começar a tocar a música, cada círculo gira para um lado. Quando a música pára de tocar, as pessoas devem se apresentar para quem parar à sua frente, dizendo o nome e alguma outra informação que o educador (a) achar interessante para o momento.

Repete-se até que todos tenham se apresentado. A certa altura pode-se, também, misturar as pessoas dos dois círculos para que mais pessoas possam se conhecer.

Fonte: SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarisse. **Aprendendo a ser e a conviver.** São Paulo: FDT, 1999.

POESIA, MÚSICA, CRÔNICA

Finalidade: Consiste em ouvir uma poesia e/ou música para ajudar na introdução de um assunto ou de uma vivência subjetiva.

Material: Letra (cópia xerográfica ou mimeografada) de uma poesia ou canção.

Descrição:

1. Escolher uma poesia ou canção sobre o tema a ser trabalhado
2. Dividir os participantes em grupos.
3. Cada um lê em voz baixa, murmurando.
4. Escolher a palavra que mais marcou, em cada estrofe.
5. Gritar essas palavras juntas, bem alto. Depois bem baixo, até se calar.
6. Andando, procurar sua "palavra-sentimento" com outra pessoa do grupo.
7. Explique, sinta, expresse, toque.
8. No seu grupo, responda o que você faria com esse sentimento-palavra trocada.
9. O grupo deve montar uma história com os sentimentos trocados e com a poesia recebida.
10. Cada grupo apresenta no grupão sua história de maneira bem criativa.
11. Buscar o que há de comum em todas as histórias.

Comentários:

1. Este trabalho leva à reflexão de um tema/assunto, abrindo um espaço para que as pessoas falem de um assunto sob diferentes olhares.
2. Contribui para o desenvolvimento da expressão verbal e do trabalho coletivo.

Fonte: GONÇALVES, Ana Maria. PERPÉTUO, Susan Chiodi. **Dinâmica de grupos na formação de lideranças**. [S.l.]: Ed. DP et all, 1998.

COLCHA DE RETALHOS

Quantas vezes sentamos ao lado de nossos avós ou mesmo de nossos pais para escutar aquelas longas histórias que compuseram a vida e a trajetória da nossa família e, portanto, a trajetória da nossa vida? Quantas vezes paramos para pensar na importância do nosso passado, nas origens de nossa família, e mais, de nossa comunidade? Indo um pouco mais longe, quantas vezes paramos para pensar de que forma a cultura da nossa cidade e de nosso país influencia o nosso modo de ver as coisas? Pois é. Nós somos aquilo que vivemos. Somos um pouquinho da via de nossos pais e avós, somos também um pouquinho da vida de nossos pais e avós, da nossa, do nosso bairro, das pessoas que estão à nossa volta, seja na cidade ou no país onde vivemos. Isso é o que se chama identidade cultural. E esta é uma atividade que ajuda a buscar essa identidade - o que significa buscar a nossa própria história, conhecemos a nós mesmos e a tudo que nos rodeia. Buscar a identidade cultural é "entender para respeitar" nossos sentimentos e os daqueles com quem compartilhamos a vida.

⇨ Tecido - lona, algodão, morim cortados em tamanho e formatos variados
⇨ Tinta de tecido ou tinta guache (é bom lembrar que o chache se dissolve em água)
⇨ Linha e agulha ou cola de tecido.

1ª Etapa - História de Vida

Peça a todos os participantes para relembrarem um pouco de suas histórias pessoais e das histórias de suas famílias, pensando em suas origens, sentimentos e momentos marcantes, em sonhos, enfim, em tudo aquilo que cada pessoa considera representativo de sua vida. Depois disso, peça para escolherem pedaços de tecidos para pintar símbolos, cores ou imagens relacionadas às suas lembranças. Esse é um momento individual, que deve levar o tempo necessário para que cada um se sinta à vontade ao expressar o máximo de sua história de vida. Quando todos terminarem, proponha a composição da primeira parte da Colcha de Retalhos, que pode ser feita costurando ou colando os trabalhos de cada um, sem ordem definida.

2ª Etapa - História da Comunidade

Esta etapa exige muito diálogo entre os participantes, que devem construir a história da comunidade onde vivem. Uma boa dica é pesquisar junto aos mais velhos. O grupo escolhe alguns fatos, acontecimentos e características da comunidade para representá-los também em pedaços de tecido pintados. Pode-se reunir as pessoas em pequenos grupos para a criação coletiva do trabalho. Todas as pinturas, depois de terminadas, deverão ser costuradas ou coladas compondo um barrado lateral na colcha.

3ª etapa - História da cidade, país e da Terra

A partir daqui, a idéia é dar continuidade à colcha de retalhos, criando novos barrados, de forma a complementá-la com a história de vida da cidade, do país, do mundo e até a do universo. Não há limites nem restrições. O objetivo principal é estimular nos participantes a vontade de conhecer e registrar a vida, em suas diferentes formas e momentos. Desse modo, poderão se sentir parte da grande teia da vida.

Fonte: DISKIN, Lia; ROIZAMAN, Laura G. **Paz, como se faz?**: semeando a cultura de paz nas escolas. Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro; UNESCO; Associação Palas Athenas, 2002.

DESCOBRINDO A QUEM PERTENCE

1. O educador (a) divide o grupo em duas metades.
2. Uma metade do grupo dá ao educador (a) um objeto de uso pessoal. O educador (a) mistura os objetos e os distribui pela outra metade, que sai à procura de seus donos. Não é permitido falar.
3. Ao encontrar o dono do objeto recebido, forma-se par com ele.

Obs.: Esta atividade objetiva, também, estabelecer as relações no grupo. É divertida e usa a curiosidade do grupo como detonadora de uma busca. Pode ser feita no início de um grupo e repetida sempre que se deseja um clima mais descontraído.

Fonte: SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarisse. **Aprendendo a ser e a conviver**. São Paulo: FDT, 1999.

TEIA DA VIDA

Material: um novelo de linha ou de lã
Desenvolvimento: Os participantes se colocam em pé formando um círculo. A um deles é entregue o novelo. Ele tem que dizer seu nome, de onde é, tipo de trabalho que faz interesse de sua participação, etc. Depois pega a ponta do fio e joga a bola a outro companheiro, que por sua vez deve apresentar-se da mesma maneira. A ação se repete até todos os participantes fiquem entrelaçados numa espécie de teia ou rede. Depois que todos se apresentam, quem ficou com o novelo deve devolvê-lo a quem lhe entregou, repartindo as informações dadas por seu companheiro. Este faz o mesmo de tal forma que vai enrolando a linha em forma de bola e vai refazendo a trajetória anterior, porém no sentido inverso, até que volta ao companheiro que a iniciou. É preciso avisar os participantes da importância de estarem atentos durante a apresentação de cada um, pois não se sabe a quem vai ser lançado o novelo, depois deverá repetir os dados de quem lançou.

FOTOGRAFIA

O educador (a) divide a turma em grupos de no máximo dez pessoas, e dá um tema para cada grupo, desde que os outros não saibam (ex.: prostituição, saúde, violência, fome, alegria, namoro etc.). O grupo irá montar uma cena onde todos permanecem congelados. O instrutor orienta o grupo para que fiquem postos no lugar, bate palma e o grupo congela. Os demais grupos tentam descobrir a mensagem - ou tema. Fazer um debate sobre o que se aprendeu com esta dinâmica.

RÓTULOS

O educador (a) cola uma etiqueta em cada participante, sem que o participante veja o que está escrito nela. Movimentam-se pela sala, os participantes devem se tratar uns aos outros conforme o rótulo que virem na testa dos companheiros. Cada um deve tentar adivinhar que rótulo recebeu.

Depois de vinte minutos, o educador (a) pede para cada um diga o rótulo que recebeu e porque sentiu isso. Deve-se conversar também sobre os efeitos que os rótulos provocaram nas pessoas, se gostam ou não de serem tratadas a partir de rótulos e comparar com o que acontece na vida real no cotidiano do grupo.

Sugestões de rótulos: aprecie-me/ ensine-me/ tenha piedade de mim/ aconselhe-me/ respeite-me/ ajude-me/ rejeite-me/ ignore-me / ria de mim/ zombe de mim

Exercício pessoal de revisão de vida e de prática:

a) Recolha-se num lugar tranqüilo, onde você possa ficar em silêncio e confortável.

b) Retome a sua vida e procure refletir sobre ela a partir das seguintes questões:

Como vai a sua relação? - consigo mesmo; - com o grupo de jovens; - no namoro; - na família; - com os(as) amigos(as); - com os colegas de trabalho; - com Deus.

c) Partilhar com seu grupo com os amigos como foi a experiência.

Fonte:EQUIPE DA CASA DA JUVENTUDE PE. BURNIER. **Dinâmicas**: ilhas em alto mar. Disponível em: <www.mundojovem.com.br/dinamicas/ilhas-em-alto-mar>. Acesso em: 24 jan. 2014.

INVERTENDO OS PAPÉIS

Objetivo: Refletir sobre os papéis sexuais e os estereótipos vigentes em nossa cultura; possibilitar o questionamento dos privilégios entre os sexos, percebendo as diferenças culturais existentes.

Material: Papel ofício e lápis.

1. Dividir o grupo em cinco subgrupos.

2. Dar um tema para cada subgrupo, pedindo que discutam os papéis, as diferenças e os privilégios relativos aos sexos, de acordo com o tema recebido:

* relação marido-mulher;
* educação de filhos (as);
* trabalho;
* namoro;
* relacionamento sexual.

Tempo para discussão, pedindo que anotem os pontos principais levantados pela equipe.

3. Solicitar que cada subgrupo crie uma cena que expresse a conclusão a que chegou. Pedir que, na cena, os rapazes façam o papel feminino e as moças, o masculino.

4. Apresentação de cada subgrupo.

5. Plenário - compartilhar os sentimentos e as observações: Como se sentiu incorporando o papel do sexo oposto? Qual a diferença existente entre o que você representou e o que você faria nessa situação na realidade? Quais as diferenças que são inerentes ao gênero e quais as que decorrem da cultura?

Fonte: PROJETO Crescer e Ser. In: SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarisse, Aprendendo a ser e a conviver. São Paulo: FDT, 1999.

APRENDENDO COM AS CIRANDAS DA VIDA

Reconstituindo a memória da comunidade: a história de luta e resistência

Reunir a comunidade articulando profissionais, gestores, crianças, jovens e adultos do território. Momento de escuta às narrativas da população, sobre suas histórias das lutas localizando imagens de transformação, em suas potencialidades e desafios. Com as crianças pode ser trabalhada a partir de desenhos, brincadeiras circenses. Com os jovens a partir do teatro, da música, hip hop, poesia, e com os adultos em uma roda de contação de histórias onde se tentará localizar as imagens de transformação (direções do que necessita ser transformado na realidade) envolvendo basicamente duas perguntas: O que necessita ser transformado (situações-limite e potenciais da comunidade) e em que direção se deve seguir(que imagens de futuro ou de sonho), o que podemos e percebemos que devemos transformar e que grupos trazemos para essa construção. A seguir planejar que linguagem utilizar e o quê se irá socializar no Escambo de Arte e Saúde, onde os grupos populares locais apresentam suas expressões sobre o vivido de forma criativa. Ao final ocorre a construção de pactos e agendas para os atos-limite.

Cirandas:

Gira essa roda Ciranda
Agita essa roda cirandar
Gira sem medo ciranda
Cirandas da Vida estão sem a girar
Vida que é vida não pode parar

Essa ciranda não é minha só
Ela é de todos nós
Ela é de todos nós...
A melodia principal quem diz
É a primeira voz
É a primeira voz

Mandei fazer uma Casa de Farinha
Bem maneirinha pro vento poder levar
Oi passa sol, passa chuva , oi passa vento
Só não passa o movimento do cirandeiro a rodar
Ah! foi bom bonito, meu amor brincar, Ciranda maneira, vem cá cirandeira, Vem cá balançar

Vou fazer uma farinhada, muita gente eu vou chamar
Quem entende de farinha vem comigo peneirar
Vou chamar a (o nome) pra comigo peneirar(a pessoa convidada, vai ao centro, peneira junto, a outra sai e uma outra é convidada ao centro).
Quem entende de farinha vem comigo peneirar

Roda de acolhimento:

Na roda a pessoa dá um passo á frente, diz o nome, de onde vem, suas expectativas e os outros dão um passo à frente, repetem seu nome, dão um passo atrás dizendo: te damos espaço e dão um passo para esquerda dizendo: e seguimos em frente. A roda prossegue até todos se apresentarem.

Bibliografia

DANTAS, V. L. A. **Dialogismo e arte na gestão em saúde**: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza. 2010. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2010.

DARON, Vanderléia Laodete Pulga. **Diagnóstico sobre a violência contra as mulheres do campo e da floresta**. Brasília, 2008.

FIOCRUZ. **Educação popular em saúde**. Rio de Janeiro, n.21, nov./dez, 2001.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Reflexão crítica sobre as virtudes da educadora ou do educador**. Buenos Aires: [s.n.], 1966.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 2. ed. Sã]: Siglo Veintiuno, 1991.o Paulo: Cortez, 1998.

GALEANO, Eduardo. **El libro de los abrazos**. [S.l]: Siglo Veintiuno, 1991.

HURTADO, Carlos Nuñes. **Educar para transformar, transformar para educar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

_____. A educação popular: conceito que se define na práxis. In: EDUCAR para transformar para educar: comunicação e educação popular. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. p. 43-56.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade**: um estudo sobre arte e educação. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas:** uma leitura desde o campo democrático e popular. Porto Alegre: Camp. e Tomo, 2001.

SOPHIA, D. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. **Revista Tema**: Educação Popular em Saúde, Rio de Janeiro, n. 21, p. 4-6, nov./dez. 2001.

STOTZ, Eduardo Navarro; VALLA, Victor Vincent. **Participação popular, educação e saúde**: teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

TONES, B. R. "Educação para la salud:prevencion o subversion?". T**endencias actuales en educacion sanitária**, Barcelona, v. 8, 1987.

VALLA, Victor Vicent. **Saúde e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede educação popular e saúde. São Paulo: Hucitec, 2001.